

DE VOLTA ÀS ONDAS DA CULTURA

Rosana Gonçalves
Da equipe do **Correio**

QUATRO ANOS DE CURSO DE ARQUITETURA NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA NÃO FORAM SUFICIENTES PARA DIÓGENES COSTA BARBOSA VISUALIZAR UM FUTURO COMO PROFISSIONAL DA ÁREA. ELE DESCOBRIU QUE RÉGUA, PRANCHETA E TRAÇADOS NÃO ERAM SUA PRAIA E DECIDIU FAZER COMUNICAÇÃO SOCIAL. QUERIA FAZER PRODUÇÃO EM RÁDIO, TELEVISÃO E CINEMA, MAS FICOU FASCINADO MESMO POR RÁDIO.

Tanto que há 20 anos trabalha na área musical e pretende se aposentar neste tipo de atividade. Aos 43 anos de idade, o *Didi*, como é conhecido no meio musical, é um apaixonado por rádio — e música para ele não tem nacionalidade nem estilo. “Gosto de música boa, sem preconceitos. Sou fascinado pelo imediato do rádio e a facilidade com que ele chega às pessoas”, diz.

As experiências acumuladas nas suas passagens por rádios e gravadoras contaram ponto na indicação e nomeação de Diógenes Barbosa como diretor da rádio Cultura FM. Ele volta ao cargo que exerceu há quase quatro anos na mesma emissora, ligada à Fundação Cultural do Distrito Federal. Acha que a Cultura tem o perfil adequado para o trabalho a que se propõe, mas acha que a programação carece de alguns ajustes.

Diógenes pretende valorizar mais a música produzida em Brasília — por artistas como Antônio César, Rubi, e grupos como Dois de Ouro, Câmbio Negro, Tijolada Reggae e Rumbora, “Vejo a banda Rumbora (rock) como forte candidata a decolar em âmbito nacional”, aposta.

Também vão ganhar destaque na Cultura FM novos talentos como Lenine, Farofa Carioca, Zeca Balei-

ro, Pedro Luís e a Parede, entre outros. Não vai faltar espaço aos clássicos da MPB, para uma equalização melhor de novos e veteranos. O diretor da rádio Cultura espera para a próxima semana a normalização da programação.

Os programas musicais especiais, apresentados por colaboradores nos fins de semana, estão indo ar normalmente, com exceção do *Canta Nordeste*, que teve seu apresentador Dioclécio Luz afastado. O substituto ainda não foi definido. Apenas dois programas — *Jazz Point* e *Anjos da Noite* — dos 20 sob responsabilidade de colaboradores são produzidos pela emissora.

A intenção de Diógenes é fazer do programa jornalístico *Música e Informação* o carro-chefe da rádio. O *Cidade Aberta*, programa de entrevistas e debates, deve desaparecer. “Acho um programa muito pesado para o horário (das 12h às 12h30), que considero nobre para o rádio. Programa jornalístico nesse horário não funciona”, argumenta.

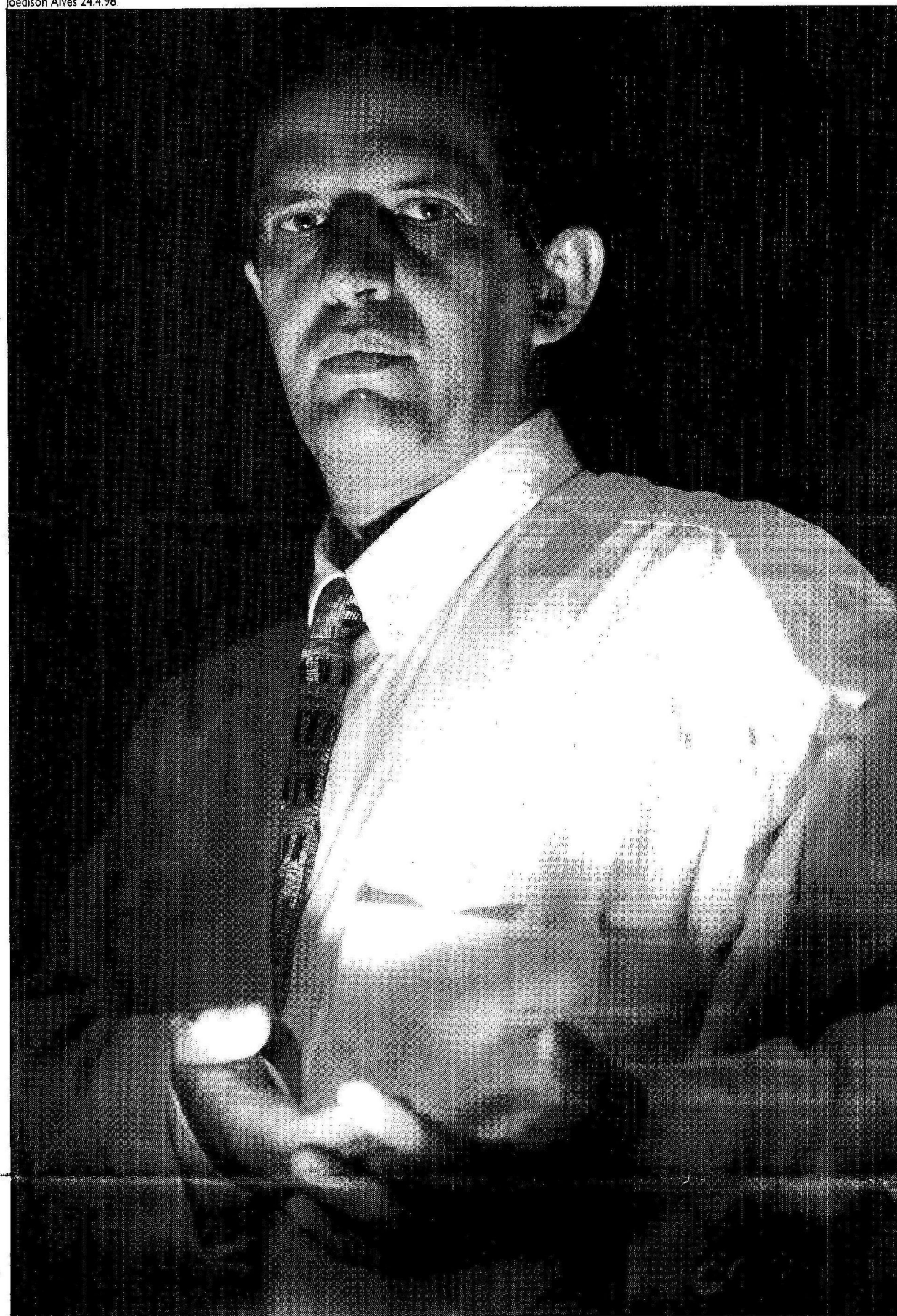
Outra mudança prevista é a fusão dos programas *Faixa Instrumental* e *Trilhas Contemporâneas*. O diretor acha que as rádios comerciais dificilmente teriam programações com o perfil proposto para a rádio oficial. Para Diógenes, nem a MPB foi poupada das distorções musicais refletidas hoje na axé music, no pagode e na música sertaneja que as rádios comerciais tocam.

Desde janeiro passado vinha trabalhando na gravadora Zen Records, de Brasília, que lançou a banda de reggae Nativus. Diógenes participou da implantação da gravadora e da divulgação da banda brasiliense. Numa coisa é incisivo: “Não voltaria a trabalhar em rádios comerciais, não acredito nos produtos descartáveis que elas vendem”.

Diógenes começou na profissão em 1979, como programador musical da Radiobrás. A mesma função ocupou na rádio Jornal de Brasília, que ajudou a fundar em 1980. Não esconde orgulho ao contar que, quando foi gerente de programação da Rádio 105 FM, a emissora foi líder de audiência.

Como DJ deixou sua marca em Goiânia, São Paulo, Rio de Janeiro e em Brasília. No Rio, seu desempenho rendeu-lhe um Disco de Ouro, prêmio oferecido pela gravadora Warner em 1978. Nos períodos em que não

Joédison Alves 24.4.98



Depois de trabalhar na gravadora Zen Records, Diógenes Barbosa está novamente no comando da rádio Cultura FM

trabalhava em rádio estava em grandes gravadoras, como a Warner, Ariola e Som Livre.

O eterno apaixonado por música e rádio reserva lugar em sua vida para outras paixões: o futebol (Botafogo e o Gama são os clubes do cora-

ção) e a literatura (Gabriel García Márquez, Jorge Amado e Érico Veríssimo são os preferidos).

Didi associa as suas três pontes de safena aos seis anos — 1989 a 1994 — que ficou longe das atividades musicais, trabalhando como assessor par-

lamentar no Senado Federal. “É bem melhor trabalhar com aquilo que a gente gosta, é menos estressante”, observa. Em Brasília em 1962, Diógenes Barbosa se considera mais filho da capital federal do que de Maceió (AL), onde nasceu.